

§

§ Fundo musical suave §

§

§

§

§

[Batidas do coração]

§

[Karin] Esse sítio, que hoje é o "Epicentro Dalva",
na época era "Sítio Dalva",
foi comprado pela família em 1974,
onde meu pai, minha mãe...
e as filhas que tavam para vir tavam morando em SP.
E a minha mãe, a Marsha, queria fugir da cidade.
E aí acharam e compraram esse sítio.
Na época era o fim do mundo! Pra chegar aqui...
vinha de kombi de SP e às vezes atolava no caminho...
Teve vários casos, noites...
que a gente quase dormiu na kombi no caminho.
Era beeem longe lá no mato, né?
Hoje aqui já tá quase semiurbano,
tá tendo uma expansão urbana, né?
Eu cresci nesse sítio desde os 2/3 anos de idade.
Aos 9 anos de idade, o pai foi transferido pra Bahia,
do escritório de SP...
aí fizemos as malas e foi a família toda pra Bahia.
E o sítio ficou abandonado. Desde...
desde que eu tinha uns 9, até quando eu voltei finalmente...
em 2015.

Finalmente depois de fazer a experiência da Fazenda da Toca,
eu vim aqui com o intuito de fazer agrofloresta.
Final de 2015... e começo de 2016,
comecei a receber voluntários...
e consegui organizar um curso com o Juan do Sítio Semente,
que foi o primeiro curso no Sítio Dalva, né?
Pra entender um pouco mais sobre horta, na verdade.
Na época eu tinha pouca experiência com horta,
meu foco era fruticultura.
Então, organizei o curso pra aprender horticultura...
e sistemas agroflorestais e o curso bombou!
E um dos inscritos, né? Que se inscreveu pro curso...
de última hora, perguntando "Ainda tem vaga?"...
E aí ela veio fazer o curso, a Cassia, né?
E desde então...
Acabei ficando. Eu tava... já há um tempo, né?
Claro, eu fui iniciada na agrofloresta pelos vídeos...

do Ernst, né? Da Agenda Gotsch.
E... eu já vinha desde 2015 fazendo aquele caminho usual,
de agroecologia, permacultura... fiz um PDC
e a parte que particularmente me tocou foi da agrofloresta.
Eu achei muito interessante...
esse conjunto de relações que é a agrofloresta.
Fiz mestrado em Arteterapia, doutorado em Artes Plásticas...
e tava muito desencantada com essa coisa toda da cidade,
essa coisa totalmente...
artificial, edifício e feroz...
E quando começa a ter contato com a coisinha das plantas,
essas relações mais cooperativas...
e não tão competitivas, é muito encantador!
Você começa a fazer aquele negócio e fica bem, feliz.

§

[Com sotaque] Meu nome é Jorge.
Eu tô aqui no Brasil faz pouco mais de um ano.
Eu vim fazer um estágio,
daí descobri a agrofloresta, me apaixonei por agrofloresta,
e resolvi ficar mais tempo pra...
pra estudar na prática,
pra conhecer mais esse movimento.
Eu sou formado na área da Agronomia, na Bélgica,
nas temáticas ambientais...
de agricultura sustentável...
na permacultura e...
e sempre teve o sonho de... trabalhar na área tropical.
Meu pai, ele é... é...
um apaixonado pela música brasileira.
Eu cresci ouvindo essa música, nessa cultura,
e sempre quis conhecer.
[Karin] Coloca ela bem em pé, já tá tudo distribuindo!
Coloca ela na altura do colo na hora de enterrar...
[Com sotaque] Eu sou Marie.
Sou da Bélgica...tenho 24 anos.
É... tô viajando aqui no Brasil,
já faz 7 meses.
Eu estudei Arquitetura,
então aqui, durante essa viagem,
um dos focos principais era...
aprender mais sobre a bioconstrução.
Mas também sobre a agrofloresta,
que Jorge descobriu quando ele chegou aqui,
é... por acaso.
O estágio durou 3 meses.
Lá na Alagoas, no Nordeste.
E... durante o fim... do meu estágio,
eu conheci um projeto que mexia com agrofloresta.
Recuperação de solos degradados...
Me apaixonei e foi o começo da minha aprendizagem lá.
Daí, conversando com a Marie do que eu estava vivenciando,
a gente resolveu... começar a imaginar essa viagem mesmo.

Que a gente não... tinha pensado nada disso.
Eu ia ficar aqui 3 meses,
voltar pra Bélgica e voltar a vida como era.
[Rindo] Mas mudou tudo!
Decidimos uma semana antes que você tinha que pegar o voo.
É, isso mesmo!
Eu gostaria de fazer um exercício...
pra entender um pouquinho como funciona a sucessão.
A sucessão acontece naturalmente na floresta,
você tem as pioneiras, depois vem as secundárias...
primárias, clímax, né? Então primeiro a braquiária,
depois vem os assa-peixe, os rabos de burro, né?
E assim vai até chegar na primária... tipo copaíba.
E a gente aplica esse princípio da sucessão
em... qualquer sistema de agricultura.
Que pode ser um sistema de horticultura, como faremos,
ou então um sistema de fruticultura.
Então começar com horticultura, pra entender sucessão...
que aprendemos com a floresta, aplicada pra uma horta,
a gente pode pensar que cada horta...
cada hortaliça tem um tempo diferente.
Então, por exemplo, vamos fingir que...
você é a rúcula...
você é o alface...
você é a couve...
e você é a mandioca.
Essas são as 4 culturas que vão plantar no mesmo canteiro,
super posicionadas...
Quanto tempo leva a rúcula?
25 dias...
25 dias!
A alface?
60...
45...
45 pra 60...
Couve?
90...
90... pra 120. Mandioca?
Um ano...
Um ano e meio.
Você vê que deu pra entender a diferença de tempo.
Eu sou agricultor, plantei todo mundo. Vocês agacham...
Aí primeiro cresce a rúcula. A rúcula ocupa o canteiro...
Aí você tem quase uma monocultura de rúcula.
Aí eu venho, colho a rúcula. Ela pode sair... vai pra feira!
Agora o alface, minha alface ocupado todo o canteiro.
Aí a alface tá aqui abafando a couve... chegue mais perto.
Aí a couve tá aqui querendo crescer embaixo, se agacha.
A couve tá querendo crescer e o alface tá abafando,
se eu não colho a alface e não vendo esse alface,
conseqüentemente a couve e a mandioca,
a couve principalmente não vai se desenvolver.
Então eu colho a alface...
e depois a couve termina de crescer, esticar os braços...

ocupa todo o canteiro, aí depois de 4 meses colhe a couve e fica só a mandioca.
É bem simples, dá pra entender, né?
Um dos papéis fundamentais que a Cassia teve aqui... no sítio e está tendo...
é isso de conceitualizar... o projeto, né?
Porque antes dela chegar, estávamos bem descontrolados.
O Dalva não seria o Epicentro Dalva que é hoje, se não fosse por esse... esse foco, esse propósito, essas podas, esses ajustes, né?
Quando ela chegou, a gente tava com 12 voluntários... na Casa Comunitária. Pá! Aquela zona de gente! Gente querendo vir morar, eu:
"Tá bom, pode morar! Morar na casa? Vai!", vindo com mala e cuia, máquina de lavar, cachorro... esposa, filho.
Pra você tocar um projeto, tem que ter o lado que produz, que administra, o lado que conceitualiza, que vende, né?
E essa parte de conceitualizar e ter um propósito claro... é fundamental pro projeto dar certo.
Não ter um propósito claro faz perder muita energia. Isso foi com que fez, definiu, de um certo modo, o Epicentro Dalva, que criou uma reputação positiva, né?
E um... um lugar que tem uma produtividade boa de trabalho, que não desperdiçamos muita energia por causa desse... desse trabalho de conceitualização.

§

Meu nome é Vinicius, eu sou natural de Pernambuco, mas... me criei no Rio Grande de Sul.
Sou formado técnico em mecânica, e... eu trabalhei durante 13 anos com projetos de máquinas e dispositivos... pras indústrias automotiva, petrolífera.
E eu já tava estudando agricultura sintrópica fazia um ano, por conta...
E aí... eu queria muito trabalhar só com isso, né?
E aí essa oportunidade de ficar desempregado foi... foi o que me trouxe pra cá.
O interessante daqui é essa dinâmica... de um campo muito maior do que... o que tinha na outra fazenda que eu fiquei.
E por ser um lugar que já tem mais tempo, assim, né?
A Karin já trabalha com permacultura por causa da mãe, então, eu acho que a dinâmica aqui é bem diferente, também pelos recursos que têm no local... pela fase que ela tá de implantação das frutas... Foi interessante estar no início da fruticultura ainda, mesmo que tenha 2 anos, mas as frutas não estão produzindo, então foi interessante pegar esse princípio aí, né?

§

[Karin] É difícil, às vezes, ter a visão...

de que caminho tomar com um projeto.
Acho que é a maior dificuldade...
de todos os projetos que você vê de permacultura.
Eles têm dificuldade de viver por falta de propósito claro.
O gargalo são as pessoas, né, sempre...
É muito louco, que as pessoas se juntam, mas...
isso das relações humanas também é bastante delicado.
Têm lindos projetos que acabam nesse gargalo.
Eu, na verdade, quando cheguei não sabia o que a Karin queria.
Então era esse bando de gente, entravam, saíam, chegavam...
falei: "Vai ver é isso que ela quer, uma comunidade livre".
E eu quieta, apavorada, mas quieta, assim...
"Vamos ver o que vai acontecer.",
aos poucos eu fui... vendo: "Mas você quer?",
e fui entendendo que ela tava tão apavorada quanto eu.

§

Eu sou de São Paulo, meu nome é Paulo também.
Minha profissão de origem é professor de Educação Física,
mas depois eu fui pra área comercial...
empresarial e eu... estou empresário há 30 anos.
E também trabalho com consultoria e coaching...
na área de Recursos Humanos.

Conheci a permacultura há uns dois anos atrás.
Tava fazendo um projeto pra uma empresa...
que o estofado dela é a permacultura,
e eu me apaixonei por isso, comecei a pesquisar...
E agora, como tô num momento de estar me aposentando,
eu quero sair de SP,
e quero fazer uma transição de vida mesmo.
Eu quero plantar a minha comida...
Aí eu tenho essa ideia de desenvolver um sítio,
que seja o mais autossustentável possível, né?

Aí eu conheci o Epicentro.
Eu fiz uma residência curta de 4 semanas...
é... 4 dias, mês passado.
E aí agora teve esse curso de fruticultura,
com a possibilidade de fazer uma residência de um mês.
Essa residência é muito importante pra mim,
porque é onde eu vou lidar realmente com a coisa...
vivenciar... e a ideia é eu...
vivenciar esse mês pra poder carimbar e falar:
"É isso mesmo que eu quero. Eu aguento... eu vou...
Vamos embora!".
[Karin] Bom, vamos fechar o olho um pouco.
Só respirar profundamente.

Oi?!

§

[Karin] A gente se manteve basicamente com os cursos,
vendendo um pouco de produção, começamos a ter residências...

A residência...
ela começou inicialmente com...
O que a gente percebeu com os cursos, a realidade é que...
você não consegue se capacitar com curso.
A pessoa pode fazer um curso, mas não sairá um profissional,
pra trabalhar com agrofloresta.
O que o curso faz...
é... ele te inspira!
Ele te inspira e te dá soluções e ideias...
pra quando voltar pra casa,
conseguir levar seu projeto um passo além!
A ideia da residência é ser uma formação prática,
onde as pessoas vêm, elas fazem o curso teórico,
e ficam, elas pagam seus custos e ficam aqui...
por duas a três... às vezes, quatro semanas,
praticando... todos os modelos.
Desde o sistema do galinheiro, horticultura...
o desassoreamento de rio e recuperação de nascentes,
fruticultura... e elas participam basicamente...
do que o Dalva precisa, dependendo da época do ano.
Na época da seca fazem uma coisa, da chuva, fazem outra.
Mas tentamos abordar todos os temas
pras pessoas terem o pacote completo...
E cada pessoa é diferente, cada pessoa que vem aqui...
tem um objetivo, um propósito diferente, né?
Tem uns que...
"Nossa, eu tô com... 300 hectares lá da família,
"eu não sei o que fazer...
"trabalho num job chato na cidade, no escritório, detesto!
Mas tem essa terra toda lá parada com gado...".
Recebendo também funcionários, né?
De pessoas que estão em fazenda e tem funcionários...
e às vezes eles vêm e passam duas semanas...
os funcionários normalmente têm resistências...
mas no final tá super... naquela energia positiva, né?
Muita gente que estudou Agronomia...
ou que fez Engenharia Florestal, né?
Esse pessoal que quer pegar uma prática no campo.
Porque a educação que acontece nas universidades...
tá looonge de ensinar a regenerar a terra
de um jeito mais eficiente, mais sintrópico, né?
O mais interessante não é só o aprendizado no campo...
mas o aprendizado social que tem na Casa Comunitária.
E as pessoas... demoram um pouco pra criar aquela coisa,
aí depois de alguns dias, 3, 4, 5 dias...
elas criam uma união...
e de repente tem as rupturas e tensões,
quando é mais a longo prazo, elas começam a ter isso...
mas depois elas superam isso e criam laços profundos, né?
Então tem... projetos que saíram dessa Casa Comunitária,
pessoas que se uniram e foram implantar outros projetos.
[Grilos cricrilando ao longe]

Meu nome é Wellington, sou de Toledo,
mas era de São Paulo. Mudei faz três anos pra cá.
E... eu conheci a Karin e o Dalva aqui.
No momento eu tava desempregado,
aí eu vim trabalhar com ela!

Eu quero tá no meio da natureza,
fazendo a diferença, né, nesse mundo que a gente vive!
Porque você pensa numa firma, é tudo quadrado,
é um pensamento só, e aqui não!
Cara, aqui você tem a liberdade de...
de se expor, de fazer o que você gosta mesmo.
Eu tô aprendendo muito nessa residência longa.
É um pessoal legal, bacana!
Tudo que procuro aprender lá em cima com a Karin,
com o pessoal que vem, a gente tenta tá aplicando.
Nosso dia a dia é tá plantando, em contato com a terra.
[Ronco do motor]

[Cassia] Acho que por ter a Karin, que é uma mulher forte
e tá fazendo as coisas,
isso foi aos poucos atraindo as mulheres pra cá!
E foi muito bacana! E nós nunca tivemos
a menor intenção de ser um projeto feminino,
mas é muito bem-vindo que seja muitas vezes!
É muito legal veras mulheres chegando aqui,
aprendendo a lidar com a motosserra,
com o facão, com a roçadeira, e ficando contentes.
Tem muita mulher que é muito mais forte que o homem também!
E é surpreendente ter essa dificuldade permacultura.
Isso me surpreendeu quando as pessoas começaram a falar
que as mulheres tinham essa dificuldade
de ter essa autoria e...
como é que se fala, protagonismo no meio!
Eu fiquei meio besta, porque eu caí também direto aqui,
onde as mulheres fazem de tudo.
É difícil as mulheres terem oportunidade de aprender
a usar a motosserra. Qualquer outro projeto:
"Não, deixa que eu faço!". "Ah, tá bom..."
Te dá aquele passo. Aqui quando vejo isso, penso:
"Para! Não, as mulheres primeiro."
Quando ensino a usar motosserra, deixo elas irem primeiro.
Eu sei que em outros lugares elas não vão ter oportunidade.
E umas amigas que viajaram e ficaram aqui de residência,
e viajaram depois em outros projetos,
sentiram muito essa... dificuldade de sentir
que as mulheres não têm a capacidade
que o homem tem pra fazer uma agrofloresta.
O que eu percebo, é que os homens têm a força,
mas as mulheres têm a resistência.
Se a gente planta um campo de mandioca, e o sol tá quente...
começando cedo, 6h da manhã,
e chega 10h da manhã e aquele sol tá quente,
você vai ver que os homens são os primeiros a "Aah...",

e as mulheres, não, mantêm! A tendência é essa!
Então essa coisa do machismo é muito triste,
porque a mulher tem um papel fundamental...
com o trabalho na agricultura.
E aqui a gente recebe muitas mulheres que se transformam...
e desenvolvem o trabalho agrícola delas.
Esse grupo, por exceção, é um grupo masculino.
É, faz bastante tempo que não tem tanto homem assim.
Tem que dar uma chance pra eles de vez em quando, né?!
A gente não discrimina também.
Não, é claro.

§

§

Nos lugares em que eu fui passando,
normalmente tá meio ligado à agricultura central,
porque ela tá ligada a isso.
É uma das pernas da permacultura.
E como eu era projetista,
eu queria tentar usar esse conhecimento de 12 anos.
E eu vi que há uma necessidade de máquinas mais adaptadas...
pra agricultura sintrópica.
Então quem sabe futuramente...
comecem a desenvolver algum tipo de máquina nesse sentido
e a não deixar isso se perder!
Porque já que a vida me levou por esse caminho,
quem sabe eu possa ajudar a desenvolver uns equipamentos?
[Jorge] Não sei exatamente o que quero,
mas sei perfeitamente o que não quero.
E acho que ajuda muito nesse sentido.
A gente achou umas pessoas que abriram umas portas...
e a gente começou a se projetar dentro desse caminho.
A gente tem uns projetos.
Vamos ver o que acontece, o que dá pra fazer.
E tira um pouco do medo também...
ver que dá realmente pra fazer, que não é tão complicado...
e que sempre tem pessoas interessadas nisso...
e que unidos se pode fazer quase tudo.

§

[Paulo] Permacultura pra mim é isso:
eu estar atuando no nível espiritual.
Quando a gente entende que tudo isso aqui é uma coisa só,
que nós somos um elemento do sistema,
da engrenagem,
e que o que eu faço aqui...
eu interfiro com você, com o outro, com todo mundo,
então eu entendo que isso é...
eu conseguir atingir a espiritualidade...
atuando com a permacultura.
Eu acho que a permacultura...
é a salvação da nossa espécie!
Porque se a gente não mudar,

em umas duas ou três décadas,
acredito que vamos passar por uma grande extinção em massa.
O que me deixa feliz é estar fazendo parte dessa mudança,
mesmo que a gentenão consiga,
mas pelo menos vou viver uma vida que tenha um propósito.

§

Duas sementes...
principalmente onde está o sol da tarde, o sol mais quente.
É só enterrar duas sementes com milho.
Esse é o capim-mombaça. Capim superprodutivo.
Esse é o feijão-guandu,
um feijão muito proteico e gostoso.
Aqui é o feijão que todo mundo conhece:
o feijão da feijoada, o feijão-preto.
Aqui é urucum, pra fazer maquiagem.
Feijão-de-porco, um super nitrogenador.

Girassol...
Mamona...
Mamona é maravilhosa pra regenerar a terra.
Cabaça...

Milho-crioulo... misturado aqui.
Aqui são sementes de coentro.

Sementes de moringa...
Sementes de crotalária-juncea.
[Cassia] Eu achava que não era possível viver fora da cidade.
Quando você tem uma formação convencional,
você tem que trabalhar, os filhos têm que ir pra escola...
Era uma coisa assim: "Como vou morar num sítio?".
Era quase como me convidar pra ir morar em Marte.
Parecia o mesmo pra mim!
E aos poucos fui vendo que não, que a gente pode fazer isso.
Essa é a verdadeira revolução.
O nosso grande desafio agora
é incorporar os bichos dentro da agrofloresta...
e fazer agroflorestas que incluem os animais,
tipo vaca, lama ou carneiro.
Uma vida feliz, né?!
Uma vida feliz.
Que eles possam se integrar de novo à mata...
como sempre teve.
[Karin] E que regenere a terra também,
que tem uma função de regeneração.
Então vai ser o próximo passo.
[Latidos ao longe]

[Pássaros cantando]

[Latidos continuam]

[Cacarejos]

Aqui é o nosso galinheiro.

E um dos...

um dos itens principais no galinheiro...

é a questão de ter piquetes rotacionados.

No caso, aqui a gente tem um corredor...

e aqui são os piquetes,

onde a gente planta diversos alimentos pras galinhas,

ora-pro-nóbis, amora, abacate,

caqui... elas são loucas por caqui...

banana... elas comem o tronco da banana...

a rasteira é o arachis pintoi,

que é a grama que mais atrai insetos.

Nosso objetivo é complementar a alimentação delas...

com insetos, que elas encontram nos piquetes,

e com plantas, folhas verdes, que estão nos piquetes também.

A gente solta elas primeiro nos piquetes nas tardes,

e quando começa a esgotar comida em um piquete,

depois de uns três, quatro, cinco dias,

quando elas vão pra casa, 17h elas voltam pra dormir,

e nesse dia a gente fecha a porta desse piquete,

deixa as plantas voltarem a crescer,

e abre a porta de um outro piquete.

É um sistema de rotação: elas ficam um dia em um piquete,

até começar a esgotar comida,

umas tardes, porque de manhã elas botam ovo...

a gente deixa elas próximas dos ninhos...

aí depois a gente fecha e abre o próximo piquete...

e assim por diante: depois que esgotar a comida,

fecha e abre o próximo.

Essa mudança de paradigma...

de que os seres foram feitos para se fortalecerem.

Criar um sistema de resiliência e abundância...

é o que a gente precisa absorver...

pro social, não só pro campo.

O que a natureza faz, em teoria,

é o que o ser humano devia fazer com a espécie humana,

porque quanto mais a gente se agrega,

se a gente cumprir a nossa função,

mais forte, mais resiliente e mais abundante fica o sistema.

§

§

§

§